ISSN: 2358-8829

ESCOLA DAS ADOLESCÊNCIAS: ENTRE O DISCURSO DA INOVAÇÃO E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM E DO ENGAJAMENTO ESTUDANTIL

Erika Luciane Moretto Pedrazzi[1]
Eliani Cristina Moreira da Silva[2]
Orientador José Luís Bizelli[3]

INTRODUÇÃO

A escola que atende aos anos finais do ensino fundamental ocupa um lugar decisivo na trajetória dos estudantes. Nessa etapa, as experiências escolares se articulam às transformações pessoais, sociais e culturais, ao desenvolvimento da autonomia e à ampliação das relações com o mundo. Ao mesmo tempo, as escolas enfrentam o desafio de garantir aprendizagens, promover convivência respeitosa e sustentar o vínculo dos adolescentes com a instituição.

A política Escola das Adolescências, apresentada pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2024), busca apoiar redes e escolas na criação de melhores condições para o pertencimento e o engajamento dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental. Uma de suas iniciativas foi a Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas, realizada nacionalmente em 2023. Conforme o Relatório Nacional, a mobilização envolveu 21,6 mil escolas e registrou 2.362.733 respostas individuais, correspondentes a cerca de 24% das matrículas dos anos finais nas redes públicas (BRASIL, 2024).

A dimensão da iniciativa torna o relatório uma fonte relevante para refletir sobre o que os adolescentes dizem a respeito da escola, das aprendizagens que consideram

[1] Doutoranda do Curso de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" FCL/UNESP- SP, erika.moretto@unesp.br.
[2] Doutora em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" FCL/UNESP- SP, eliani.moreira@unesp.br.
[3] Professor orientador: livre docente em Gestão de Políticas Públicas da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" FCL/UNESP- SP, jose.bizelli@unesp.br.

ISSN: 2358-8829

importantes, das formas de aprender, da convivência e das oportunidades de participação (BRASIL, 2024).

Este trabalho tem como objetivo discutir de que modo as percepções dos estudantes desafiam as práticas escolares, à luz de Abramovay (2003), Charlot (2000) e Ball (1992, 2001). O estudo questiona os sentidos que os adolescentes atribuem à escola e aos conhecimentos escolares, as demandas que aparecem em relação às metodologias, à convivência e à participação e, por fim, possíveis tensões que podem ser identificadas entre as diretrizes da política e as condições concretas para sua materialização.

Defende-se que a escuta dos adolescentes pode contribuir para experiências escolares mais significativas, mas seu potencial depende de ultrapassar o diagnóstico e se traduzir em decisões curriculares, práticas pedagógicas, relações de acolhimento e mecanismos reais de participação.

METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa, com caráter exploratório e analítico, desenvolvida por meio de análise documental (Gil, 2008). O corpus principal é constituído pelo Relatório Nacional da Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas. O documento foi examinado para identificar tendências relevantes para a discussão sobre aprendizagem, clima escolar, pertencimento e implementação de políticas educacionais.

A leitura do Relatório Nacional concentrou-se nos capítulos que apresentam a dimensão da mobilização e os resultados referentes ao que a escola representa para os estudantes, conteúdos considerados relevantes para o desenvolvimento ao longo da vida, atividades indispensáveis na escola do futuro, formas de aprender, convivência e participação estudantil.

A análise foi organizada em categorias interpretativas articuladas ao referencial teórico: clima e convivência, currículo e aprendizagem, inovação pedagógica e participação e protagonismo. Os percentuais apresentados foram reproduzidos dos documentos consultados e se referem às categorias e aos grupos definidos pelo próprio relatório. Os dados foram articulados ao referencial teórico adotado (Abramovay, 2003; Charlot, 2000 e Ball, 1992, 2001), permitindo uma análise que transcende a descrição dos resultados e avança na compreensão de seus significados.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise da política Escola das Adolescências exige a articulação entre juventudes, aprendizagem e políticas educacionais, compreendidas como dimensões interdependentes. Os dados revelados pelo Relatório Nacional em diálogo com a literatura teórica revela um amplo panorama das convergências e tensões que permeiam a vida escolar dos adolescentes brasileiros.

A discussão sobre adolescências exige superar a ideia de que existe uma experiência única, universal e homogênea dessa etapa da vida. Abramovay (2003), ao discutir experiências escolares e juventudes, contribui para compreender que as relações dos jovens com a escola são atravessadas por contextos sociais, culturais e institucionais distintos. As experiências juvenis não podem ser explicadas apenas por características etárias, mas são construídas em relação às oportunidades, aos vínculos, às desigualdades e aos espaços de participação disponíveis.

A contribuição de Charlot (2000) permite deslocar a análise do aprendizado como simples aquisição de conteúdos para a relação que o sujeito estabelece com o saber. Aprender implica mobilizar-se, atribuir sentido à atividade e reconhecer valor no conhecimento, na escola ou na possibilidade de transformação que a aprendizagem oferece. A relação com o saber envolve dimensões identitárias, sociais e epistemológicas, como quem aprende, em que condições aprende e que significado atribui ao objeto de conhecimento.

Nessa perspectiva, o engajamento não pode ser reduzido a uma disposição individual, como se alguns estudantes fossem naturalmente interessados e outros desmotivados. A relação com o saber é construída em situações concretas e envolve a forma como o conhecimento é apresentado, as oportunidades de participação, a relação com os professores, as experiências de sucesso ou dificuldade e a possibilidade de conectar o que se aprende com questões relevantes da vida. Isso não significa abandonar os conhecimentos sistematizados, mas refletir sobre como ensiná-los e torná-los significativos.

Os dados da escuta são reveladores porque os estudantes não descartam as disciplinas tradicionais. Uma parcela expressiva considera Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza importantes para seu

ISSN: 2358-8829

desenvolvimento. Ao mesmo tempo, demandam esportes e bem-estar, tecnologias, atividades práticas, artes, cultura, autoconhecimento e experiências para além dos muros escolares.

Ball (1992) propõe compreender as políticas educacionais como textos e processos, cujos sentidos não se esgotam no momento da formulação. Os textos políticos são abertos à interpretação, disputados e traduzidos por diferentes atores. Em sua abordagem posterior, Ball (2001) chama atenção para os efeitos das políticas globais e das racionalidades gerenciais sobre os sistemas educacionais, destacando como orientações amplas são apropriadas em contextos locais específicos.

Essa perspectiva ajuda a analisar a Escola das Adolescências sem presumir que a formulação de uma política garanta sua implementação. Diretrizes como protagonismo, pertencimento, inovação e aprendizagem significativa passam por decisões de redes, equipes gestoras, coordenações pedagógicas e docentes. Sua realização depende de recursos, tempos de planejamento, formação, organização curricular, condições de trabalho e culturas institucionais. A política pode ser reinterpretada, adaptada, ampliada ou reduzida durante esse percurso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas constituiu uma mobilização expressiva, a participação abrangeu estudantes em aproximadamente 4,4 mil municípios (BRASIL, 2024, p. 13-16), permitindo que a escala da iniciativa ampliasse a visibilidade das percepções dos estudantes e permitisse reconhecer tendências nacionais.

A escuta foi organizada em torno de currículo, inovação, clima e convivência e participação. Esse desenho é significativo porque inclui as formas de aprender, os vínculos, a participação e as condições institucionais que os adolescentes identificam como relevantes. O relatório também diferencia estudantes do 6º e 7º anos e do 8º e 9º anos, em reconhecimento às especificidades desses momentos da escolarização (BRASIL, 2024, p. 17-21).

Categorias de análise (Eixos do Programa)	Evidências Empíricas (Escuta Nacional)	Diálogo teórico

ISSN: 2358-8829

Clima e Convivência	84% têm amigos na escola, contudo o acolhimento por adultos cai de 58% (6º/7º) para 45% (8º/9º). Apenas 31% sentem liberdade de expressão e 26% veem respeito aos professores.	Abramovay(2003) aponta a socialização juvenil e clima escolar como condicionantes do pertencimento e prevenção de violências.
Currículo e Aprendizagem	48% a 38% valorizam disciplinas tradicionais (português/matemática); contudo, 41% exigem esportes/bem estar, 30% educação financeira e 28% saúde mental.	Charlot (2000): Teoria da Relação com o Saber, a aprendizagem exige sentido pessoal, social e relacional para gerar mobilização.
Inovação Pedagógica	Apenas 11 a 16% consideram aulas teóricas indispensáveis, 45% pede atividades extramuros (passeios/visitas) e 40% aulas práticas e projetos.	Ball (2001): Recontextualização de políticas públicas, atrito entre o discurso da inovação e as condições materiais da prática.
Participação e Protagonismo	51% apontam campeonatos esportivos e 35% atividades artísticas/culturais como melhores caminhos para engajamento.	Abramovay (2003) e Charlot (2000): Protagonismo juvenil como reconstrução de sentido e autonomia no espaço público escolar.

Quadro 1: Articulação entre a Escuta Estudantil, as Diretrizes da Política e o Referencial Teórico. Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do MEC (2024) e literatura de referência.

A análise do Quadro 1 evidencia que os resultados da Escuta Nacional das Adolescências permitem problematizar aspectos centrais a partir dos dados que revelam tensões entre as expectativas dos estudantes em relação à escola e as formas tradicionais de organização do trabalho pedagógico e da gestão escolar.

No eixo Clima e Convivência, observa-se uma diferença expressiva entre a presença de vínculos de amizade e a percepção de acolhimento por parte dos adultos. Embora 84% dos estudantes afirmem ter amigos ou amigas com quem gostam de estar na escola, o percentual daqueles que se sentem acolhidos pelos adultos, passa de 58%, entre estudantes do 6º e 7º anos, para 45%, entre os do 8º e 9º anos. Somam-se a esse cenário os baixos percentuais relativos à liberdade de expressão e à percepção de respeito nas relações com os professores, conforme os indicadores apresentados no quadro.

ISSN: 2358-8829

A contribuição de Abramovay (2003) permite interpretar esses resultados considerando o clima escolar e as relações de convivência como dimensões constitutivas da experiência educativa. Nessa perspectiva, a escola não pode ser compreendida apenas como espaço de transmissão de conhecimentos, pois também constitui um ambiente de socialização, produção de identidades e enfrentamento de conflitos.

No eixo Currículo e Aprendizagem, os dados indicam que, embora as disciplinas tradicionais permaneçam relevantes para os estudantes, há demandas relacionadas ao esporte, ao bem-estar, à educação financeira e à saúde mental. A coexistência dessas expectativas evidencia que os adolescentes não rejeitam necessariamente os conhecimentos escolares tradicionalmente valorizados, mas expressam a necessidade de que a formação oferecida pela escola dialogue também com suas experiências, seus interesses e os desafios que enfrentam dentro e fora da instituição.

A teoria da relação com o saber, de Charlot (2000), contribui para aprofundar essa interpretação ao destacar que aprender envolve atribuir sentido ao conhecimento e estabelecer relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Sob essa perspectiva, a questão curricular não se resume à inclusão de novos componentes ou temas, mas envolve a construção de relações significativas entre os conhecimentos sistematizados e as experiências dos estudantes.

A tensão emerge quando a organização curricular fragmentada e as práticas predominantemente expositivas dificultam a articulação entre os conteúdos escolares, os problemas contemporâneos e os projetos de vida dos adolescentes. A resposta a esse desafio, portanto, não consiste em substituir os conhecimentos científicos por temas de interesse imediato, mas em criar condições para que os estudantes compreendam sua relevância e estabeleçam conexões entre diferentes campos do conhecimento.

No eixo Inovação Pedagógica, a baixa proporção de estudantes que consideram indispensáveis as aulas teóricas, em contraste com a valorização de passeios, visitas, atividades práticas e projetos, indica uma demanda por experiências de aprendizagem diversificadas. Esses resultados apontam para a importância de metodologias que articulem explicação conceitual, investigação, experimentação e aplicação dos conhecimentos em situações concretas. Entretanto, a valorização dessas estratégias pelos estudantes não significa que toda aula expositiva seja inadequada ou que atividades práticas produzam, automaticamente, melhores resultados. O desafio consiste

ISSN: 2358-8829

em combinar diferentes abordagens pedagógicas de acordo com os objetivos de aprendizagem e as necessidades das turmas.

A perspectiva de Ball (2001), ao discutir a recontextualização das políticas educacionais e as mudanças nas formas de regulação dos sistemas de ensino, contribui para compreender a distância possível entre os discursos de inovação e as condições de sua realização nas escolas. As políticas não são simplesmente executadas conforme foram formuladas, pois seus sentidos são interpretados e traduzidos pelos profissionais em contextos institucionais marcados por recursos, normas, culturas organizacionais e condições de trabalho específicas.

No eixo Participação e Protagonismo, a valorização de campeonatos esportivos e atividades artísticas e culturais evidencia o potencial dessas experiências para ampliar o envolvimento dos adolescentes com a escola. Tais atividades podem favorecer a cooperação, a expressão de identidades, a construção de vínculos e o desenvolvimento de responsabilidades coletivas. Entretanto, é necessário distinguir o engajamento em atividades organizadas pela instituição da participação efetiva nas decisões que orientam a vida escolar.

O diálogo entre Abramovay (2003) e Charlot (2000) permite compreender o protagonismo juvenil tanto em sua dimensão relacional quanto na construção de sentidos para a experiência escolar. Quando os estudantes encontram oportunidades para propor iniciativas, assumir responsabilidades e participar de decisões, a escola pode ampliar as possibilidades de reconhecimento e envolvimento com a aprendizagem. A tensão identificada no quadro reside, portanto, na possibilidade de que o protagonismo seja tratado apenas como oferta de atividades recreativas ou culturais, sem alcançar os processos decisórios da instituição. Para que a participação ultrapasse uma dimensão instrumental, é necessário instituir mecanismos de escuta, representação, deliberação e devolutiva, preservando as responsabilidades pedagógicas e administrativas dos profissionais da educação.

Considerados em conjunto, os dados dos quatro eixos da escuta apontam para a necessidade de repensar as relações entre estudantes e adultos, os sentidos atribuídos ao conhecimento, às estratégias de ensino e oportunidades de participação. Nesse processo, a escuta do aluno constitui uma fonte relevante para o planejamento pedagógico, mas sua contribuição depende da capacidade institucional de transformar as manifestações em decisões e ações verificáveis.

ISSN: 2358-8829

A existência de diretrizes que valorizam o acolhimento, a inovação e o protagonismo não asseguram, por si só, sua incorporação às práticas escolares. Entre a formulação da política e sua concretização, encontram-se as condições materiais, organizacionais e profissionais de cada instituição, assim como as interpretações realizadas pelos sujeitos responsáveis por sua implementação. A análise dessas mediações permite evitar tanto a leitura dos resultados da escuta como simples expressão de preferências individuais quanto a responsabilização isolada das escolas e dos professores pelas dificuldades identificadas.

Dessa forma, o quadro contribui para sustentar que a efetividade da Escola das Adolescências depende da articulação entre o reconhecimento das vozes dos estudantes, a reorganização das experiências de aprendizagem e a criação de condições institucionais para mudanças consistentes. A escuta adquire caráter transformador quando deixa de ser apenas um instrumento de levantamento de percepções e passa a integrar os processos de planejamento, acompanhamento e avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida evidencia que a política Escola das Adolescências representa uma iniciativa relevante para o reconhecimento das especificidades dos anos finais do Ensino Fundamental, ao colocar em pauta a necessidade de articular aprendizagem, desenvolvimento integral e protagonismo estudantil. A Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas contribui para esse propósito ao tornar visíveis as percepções e expectativas dos estudantes em relação ao currículo, às práticas pedagógicas, à convivência e à participação na vida escolar. Seus resultados, contudo, revelam que reconhecer as vozes juvenis constitui apenas o ponto de partida para a construção de experiências educativas mais significativas.

Os dados analisados apontam para tensões entre as expectativas dos adolescentes e determinadas formas de organização do trabalho pedagógico, especialmente no que se refere à diversificação das estratégias de ensino, à contextualização dos conhecimentos e à qualidade das relações estabelecidas no ambiente escolar.

Essas tensões não podem ser compreendidas exclusivamente como decorrência da permanência de práticas tradicionais, pois também envolvem as condições

institucionais, materiais e profissionais que delimitam as possibilidades de implementação das mudanças propostas. Nesse sentido, a efetividade da política depende tanto da capacidade de interpretar as demandas estudantis quanto da criação de condições para incorporá-las ao planejamento curricular e às práticas cotidianas.

Conclui-se que o fortalecimento da aprendizagem, do engajamento e do pertencimento estudantil pressupõem a articulação entre escuta, intencionalidade pedagógica e condições concretas de implementação. À luz das contribuições de Abramovay (2003), Charlot (2000) e Ball (1992, 2001), compreende-se que a transformação da experiência escolar envolve, simultaneamente, a qualidade das relações de convivência, os sentidos atribuídos ao conhecimento e os processos pelos quais as políticas educacionais são interpretadas e traduzidas nas instituições.

Assim, o potencial da Escola das Adolescências reside na possibilidade de converter as percepções dos estudantes em referências para a ação institucional, promovendo práticas pedagógicas contextualizadas, relações mais acolhedoras e oportunidades efetivas de participação. O desafio central consiste em fazer da escuta não apenas um instrumento de diagnóstico, mas um princípio orientador da construção de uma escola pública comprometida com o direito à aprendizagem, com o reconhecimento dos adolescentes como sujeitos de direitos, possibilitando seu engajamento no percurso escolar.

Palavras-chave: Política educacional, Adolescências, Relação com o saber, Engajamento estudantil, Inovação pedagógica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (org.). **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas.** Brasília, DF: UNESCO, 2003.

BALL, S. J. What is policy? Texts, trajectories and toolboxes. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, v. 13, n. 2, p. 10-17, 1992.

BALL, S. J. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 2, p. 99-116, jul./dez. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório nacional: Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas**. Brasília, DF: MEC, 2024.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ISSN: 2358-8829

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.